



A fotografia como meio para o acontecimento: fabulações da realidade fotografada¹ **Photography as a medium for the event: fables of the photoghaphed reality**

Maria Cecília Conte Carboni²

Palavras-chave: fotografia; acontecimento; fabulação; interação.

Numa primeira abordagem para ter certo conhecimento sobre a Revolta de 1924, estabelece-se um contato com os protagonistas da revolta, os motivos que deram origem a ela, o decorrer dos dias de batalhas, os prejuízos causados na cidade e logo a derrota dos tenentes e a fuga empreendida por eles.

Raramente vista em livros didáticos, e quando vista, pouco explicada, desconhecida da maioria dos brasileiros, ou mesmo paulistas, pouco lembrada pela história, apesar da existência de vasta literatura que faça a sua análise e nada celebrada se comparada a Revolução Constitucionalista, ocorrida oito anos depois, a Revolta de 1924 guarda traços de complexidade e muitas particularidades.

Existe um conjunto representativo de fotografias que abordam a Revolta de 1924, espalhada em alguns acervos, todos na cidade de São Paulo. Poucas delas tem autoria conhecida, poucas delas de fato registram a revolta. Muitas mostram a destruição que a cidade sofreu ao longo dos dias de confronto, muitas mostram a

¹ Trabalho apresentado ao II Seminário Internacional de Pesquisas em Mediatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 8 a 12 de abril de 2018.

² Mestre pelo programa de História Social da mesma universidade. Possui graduação em Comunicação Social (Jornalismo) pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, realizou projetos documentais em linguagem audiovisual, cinema e fotografia. Participa do Grupo ESPACC, vinculado ao COS-PUC-SP. cicacarboni@gmail.com



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

população em sua rotina normal apesar do conflito ou ainda protagonizando cenas que evidenciam construções destruídas, na maioria das vezes, fotografias posadas, que na verdade não documentam a revolta, apesar de estarem ali nos arquivos e acervos dentro da categoria de documento histórico.

A seguir duas fotografias que demonstram algumas das características indicadas no parágrafo acima.

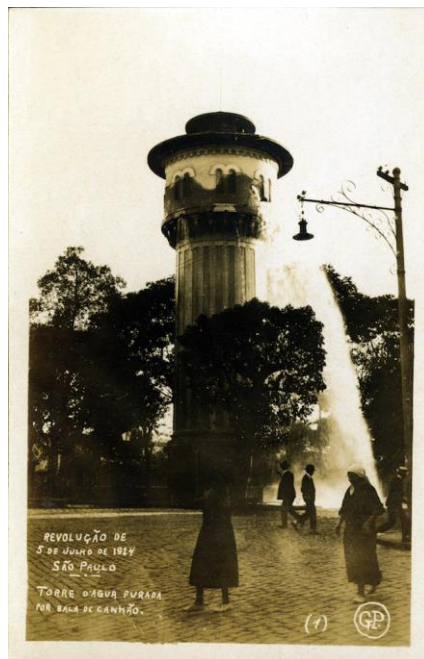


Figura 1 – Torre d'água furada por bala de canhão. Fonte: Acervo Instituto Moreira Sales.

Crédito: Gustavo Prugner.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais



Figura 2 – Efeito de uma bomba de aeroplano. Fonte: Acervo Instituto Moreira Sales. Crédito: Gustavo Prugner.

As características das fotografias da Revolta de 1924 impulsionam ainda mais sua complexidade. Se sem elas, o evento já traz uma carga densa de especificidades - a saber, a ligação com a formação da Coluna Prestes-Costa, a Revolução de 1930, apoiada pelos tenentes e em seguida a Revolução Constitucionalista de 1932 - com as fotografias, novas tonalidades e nuances tornam esse quadro ainda mais interessante e complexo, ao mesmo tempo, demanda novas significações. Se as fotografias não documentam a Revolta, qual a função delas quando se pretende abordar novamente a Revolta de 1924?

As fotografias não descrevem nem narram fatos ocorridos durante a revolta, através delas não é possível se ter real noção deste evento, assim como, nenhuma fotografia pode de fato se prestar a essa função, apesar de ser um requisito, *a priori*, do ato fotográfico.

A fotografia enquanto um meio técnico propõe mudanças na comunicação, assim como uma mudança sociocultural, pois ela permite outra percepção sobre a Revolta, quando revisitada através das fotografias. Mais do que um meio técnico, a fotografia trata de criar uma certa ambiência (GOMES, 2016) para que seja possível



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

propor novas abordagens sobre a Revolta, além se estabelecer uma certa rede de acontecimentos, que não isolam a Revolta historicamente, como comumente é feito pela história.

Assim, a proposta deste resumo é assumir o argumento de que as fotografias da Revolta de 1924, não documentam a revolta, mas fornecem elementos fabuladores que transformam a narrativa histórica clássica sobre o evento, possibilitando trazer à tona o conceito de acontecimento para abordar a Revolta de 1924.

Através de uma mirada que entende a fotografia não como puro registro, mas como um meio técnico que comporta elementos de fabulação, a fotografia acontecimentaliza a Revolta de 1924, porque fabula a realidade fotografada, ela interfere, mas não consegue determinar o acontecimento. Importante ressaltar também que como um meio técnico, a fotografia não carrega neutralidade, ao contrário, são várias intenções em um único clique.

Sobre o acontecimento da Revolta de 1924, este da ordem do fluxo, do simultâneo, do que desestabiliza e deixa vulnerável, sabe-se pouco, “o acontecimento contém um segredo, uma lacuna, uma falta, um não dito que fugiria ao olhar que limitasse ao explícito, ao manifesto, ao visível”. (DOSSE, 2015, pg.51). Entretanto, são as fotografias sobre a Revolta que podem estabelecer a noção de acontecimento em torno da Revolta, pois confabulam outra história sobre a ela.

Quando falamos de confabulação, nos referimos não a uma mensagem linear que parte de um emissor, com destino a um receptor, mas sim de uma mensagem circular entre emissor e receptor, de maneira que não se tenha claro quem emite e quem recebe.

Como observou a fotógrafa e pesquisadora Ariella Azoulay, as imagens também não devem ser consideradas absolutamente individuais e suspensas no tempo, como se pudessem ser isoladas das mediações que a constituem. Há construções políticas e filosóficas que conectam imagens, ambientes e todo tipo de fluxos sógnicos constituídos entre quem cria, quem percebe e aqueles que testemunham e vivem os movimentos acontecimentais. (GREINER, 2017, pg.43)



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Como notamos nesse texto da professora Christine Greiner, ao citar Ariella Azoulay, nenhuma fotografia se isola de seu contexto e das construções culturais que a constituem. Um lugar, um tempo, um autor e uma motivação (Kossoy, 2001) são os meios para se viabilizar uma fotografia. Ela se estabeleceu como um meio técnico na virada do século XIX para o XX, juntamente com outra série de outros meios técnicos, como o cinema e como todo meio técnico, modifica a comunicação.

No entanto seu entendimento como um possível meio comunicativo ainda carece de pesquisa e investigação, visto que,

meios comunicativos vão além das técnicas transmissivas e são constituídos por signos que, organizados, produzem linguagens independentes da maior ou menor versatilidade tecnologia do instrumento que lhes dá suporte e, exatamente por isso, evidenciam inesgotável capacidade de produzir interações, subjetividades, troca entre igualdades não hegemônicas e, por isso, capazes de contemplar ou fazer surgir diferenças.(FERRARA, 2012, pg.27)

Talvez mais eficaz do que a fotografia como um meio comunicativo, seja possível pensar nos efeitos da fotografia no evento histórico, como a Revolta de 1924 e o que ela nos revela sobre tal evento.

Pensar que a fotografia acontecimentaliza o evento histórico, permite a essa pesquisa, revelar outra história sobre a Revolta de 1924, através do acontecimento como meio comunicativo. A fotografia transforma em acontecimento um evento histórico, porque ela tem a possibilidade de fabular a realidade fotografada, criando versões que a fotografia não registra e nem afirma, criando assim uma relação especular entre emissor e receptor. Entre aquilo que não está visível e o que permanece nas fotografias, está a potência da fabulação, que só é possível se ativamos essa capacidade cognitiva de imaginar, recriar, narrar, recontar. A fabulação propõe pensar em novos caminhos também para o ato fotográfico e por consequências, para a comunicação, pois permite uma nova história ser contada sobre a Revolta de 1924.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Para entendermos melhor a questão da fabulação dentro do campo da comunicação, é de grande valia pensar nos aspectos da interação, que não reconhece emissor e receptor como algo separado e individual, “(...) as interações são surpreendidas, precisam ser acontecidas através da atenção empírica e são passíveis de acontecimentalização”. (FERRARA, 2015, pg.169). O aspecto permissivo do acontecimento, que permite que ele se refaça a cada nova investigação, encontra consonância com a interação comunicativa, essa de natureza circular, inesperada e imprevisível, que transforma os meios comunicativos.

No caso dessa pesquisa, afirmamos que a fotografia, enquanto meio, vista como um novo olhar para a Revolta de 24, está refazendo o acontecimento. E nesse sentido não se questiona a função dos meios como transmissores de mensagens, pois entendemos que o próprio meio é o conteúdo. A reflexão sobre a fotografia que permite pensar-la fora do estigma de registro ou documental, também permite propor esse meio como um elemento que fabula e confabula a realidade que fotografa.

Na afirmação de Marshall McLuhan de que o meio é a mensagem, entendemos que qualquer meio é seu conteúdo e no caso da fotografia, desde seu surgimento, ela já se propunha a ser mais que registro, nela já havia subjacente a transgressão do real, um aspecto ficcional dado pelo meio, pelo próprio dispositivo técnico, que em suas operações de fixação e revelação podiam transformar a imagem registrada, fazendo-a não mais condizente com a cena fotografada.

Já nas primeiras experiências com o daguerriótipo é possível questionar o valor documental da ainda não denominada fotografia. Louis Daguerre registra uma rua de muito movimento no centro de Paris, que em seu “registro”, figura deserta. O daguerriótipo tecnicamente não era capaz de duplicar o movimento das pessoas. Eis a transgressão fotográfica e seu potencial de fabulação. Sendo assim, o próprio meio técnico compõe seu conteúdo da maneira que tecnicamente lhe for possível.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Sabemos que hoje essas transgressões ou distorções se facilitaram muito devido aos meios digitais, o que de nenhuma forma modifica a veracidade da afirmação de MacLuhan sobre o meio ser a mensagem.

As questões em torno da mediatização revelam o quanto das identidades e subjetividades é construído a partir das interações com os meios. Retornar a um evento histórico de quase cem anos atrás fala da necessidade de compartilhar “(...) vivências entre as pessoas de todas as gerações” (GOMES, 2016), através da comunicação, da natureza do indeterminado e que afeta outras áreas de conhecimento, como a história.

Referências bibliográficas

KOSSOY, Boris. **Fotografia & Historia**. São Paulo: Atêlie Editorial, São, 2001.

DOSSE, François. **O renascimento do acontecimento**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

GREINER, Christine. **Fabulações do Corpo Japonês**. São Paulo: N-1 edições, 2017.

FERRARA, Lucrecia D’Alessio. **Os nomes da comunicação**. São Paulo: Annablume, 2012.

_____. **Comunicação, Mediações, Interações**. São Paulo: Paulus, 2015.

GOMES, Pedro Gilberto. **Mediatização: um conceito, múltiplas vozes**. Famecos, Porto Alegre, v.23, n.2, maio, junho, julho, agosto de 2016.